



## “SI YO TUVIERA” OU “SI YO TUVIESE”: A VARIAÇÃO NA REALIZAÇÃO DO PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO ESPANHOL

## “SI YO TUVIERA” OR “SI YO TUVIESE”: THE VARIATION ON THE EXECUTION OF THE SPANISH SUBJUNCTIVE IMPERFECT PAST

*David Batista de Jesus Travassos*<sup>1</sup>

*Leonardo Lennertz Marcotulio*<sup>2</sup>

### RESUMO

No espanhol atual, as desinências *-ra* e *-se* são identificadas como formas desinenciais do pretérito imperfeito do subjuntivo devido à evolução da língua, sendo a primeira derivada do pretérito mais-que-perfeito do indicativo latino (*amaveram*) e a segunda do pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo (*amavissem*). Isto posto, neste trabalho, à luz da sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1978, 1994), buscamos, de modo geral, entender este processo de variação linguística. Pretendemos, ainda: (i) identificar fatores linguísticos que condicionam a alternância *-ra/-se* em construções condicionais da língua espanhola para a expressão da noção de irrealidade; (ii) verificar se fatores extralinguísticos como as categorias gênero e área geográfica/região condicionam a alternância *-ra/-se*; e (iii) investigar, eventualmente, se a desinência *-se* está se especializando, tendo seu uso restrito a contextos específicos. O nosso corpus está constituído de Cartas de Leitores de dois periódicos online: *El País*, da Espanha, e *La Nación*, da Argentina. A delimitação do corpus escrito deu-se em função de que, em relação à alternância entre as variantes *-ra* e *-se*, talvez, esta última forma seja mais facilmente encontrada na modalidade escrita do que na modalidade oral/falada (ROJO, 2011, p. 214), tendo em vista seu paulatino declive (PÉREZ TORRES, 2014; STERCK, 2000). Realizamos, assim, uma análise estatística com o auxílio do programa computacional GoldvarbX (TAGLIMONTE, 2006; SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005). Para esta análise, consideramos os seguintes fatores: (1) forma verbal; (2) estrutura verbal; (3) paradigma de conjugação do verbo; (4) pessoa gramatical; (5) estrutura das cláusulas condicionais; (6) gênero; (7) jornal/variedade; e (8) províncias/cidades da Espanha. Como resultado, identificamos, em ambas as variedades, a predominância da variante *-ra* nas orações condicionais, em detrimento da *-se*, que se mostra pouco frequente na competição para a expressão da noção de irrealidade/contrafactualidade.

**Palavras-chave:** Variação linguística; Pretérito imperfeito do subjuntivo; Desinência *-ra*; Desinência *-se*; Língua espanhola.

1 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas (Língua Espanhola), Universidade Federal do Rio de Janeiro. david.travassos@letras.ufrj.br

2 Professor dos Programas de Pós-Graduação em Letras Neolatinas e em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. marcotulio@letras.ufrj.br

## ABSTRACT

In current Spanish, the endings *-ra* and *-se* are identified as ending forms of the subjunctive imperfect past tense due to historic factors of the language evolution, being the first derived from the Latin indicative pluperfect past tense (*amaveram*) and the second from the subjunctive pluperfect past tense (*amavissem*). That said, in this work, in the light of the variationist sociolinguistic (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1978, 1994), we seek, generally, understand this process of linguistic variation. We also intend to: (i) identify the linguistic factors that condition the alternation *-ra/-se* in conditional constructions of the Spanish language for the expression of unreality; (ii) verify if extralinguistic factors as gender and geographic area categories condition the alternation *-ra/-se*; and (iii) investigate, eventually, if the ending *-se* is specializing, having its use restricted to specific contexts. Our *corpus* is made of Readers Letters from two online newspapers: *El País*, from Spain, and *La Nación*, from Argentina. The delimitation of written corpus occurred because of, regarding the alternation between the varieties *-ra* and *-se*, maybe, the latter is easily found on the written modality instead of the spoken one (ROJO, 2011, p. 214), considering its gradual decline (PÉREZ TORRES, 2014; STERCK, 2000). In this work, we made a statistical analysis with the help from the computational program GoldvarbX (TAGLIMONTE, 2006; SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005). For this analysis, we considered the following factors: (1) verb form; (2) verb structure; (3) verb conjugation paradigm; (4) grammatical person; (5) conditional clause structure; (6) gender; (7) news/variety; and (8) provinces/Spain cities. As a result, we identified the predominance of the variant *-ra* on conditional sentences to the detriment of *-se* which shows to be less frequent in the competition to the expression of the notion of unreality/counter factuality.

**Keywords:** Linguistic variation; Subjunctive imperfect past tense; Ending *-ra*; Ending *-se*; Spanish language.

## Introdução

No âmbito da sociolinguística, a língua é concebida a partir de sua natureza variável. Sua variabilidade diz respeito aos diversos níveis do sistema linguístico - fonético e fonológico, morfossintático, semântico e pragmático -, motivados ou não por fatores exclusivamente linguísticos, exclusivamente sociais ou conjuntamente linguísticos e sociais. Partindo desta premissa, à luz da sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1978, 1994), o objetivo deste artigo é apresentar os principais resultados obtidos na pesquisa de mestrado de Travassos (2020) sobre a variação na realização do pretérito imperfeito do subjuntivo, em (1a) e (2a), e do “pluscuamperfecto”, em (1b) e (2b), que podem ser materializados através das variantes *-ra* e *-se*:

- (1) a. *Si desaparecieran, el país se quedaría parado. (El País, Homem, Valência)<sup>3</sup>*  
 b. *Si el protagonista del vídeo de contenido sexual hubiera sido un hombre, las consecuencias para él hubieran sido las chanzas correspondientes y sin mayor repercusión en su vida. (El País, Homem, Madrid)*

3 Os dados fazem parte do *corpus* elaborado para a pesquisa de mestrado de Travassos (2020). Em 2019, elaboramos um *corpus* a partir da coleta de dados de textos escritos do gênero carta de leitor de duas regiões geográficas - Espanha e Argentina -, correspondentes a dois jornais eletrônicos: *El País*, um jornal diário espanhol com sede em Madrid, e *La Nación*, um jornal diário argentino com sede em Buenos Aires. Em cada periódico, a seção identificada como Cartas de Leitores é, respectivamente, “*Cartas a la directora*” e “*Cartas de lectores*”. No jornal argentino, não há a presença de informações referentes à origem do autor da carta, apenas o nome é informado. Diferentemente, o jornal espanhol divulga o nome do autor e a região/província da qual o autor é oriundo e, também, a cidade.

- (2) a. *Si mucha gente hiciese lo mismo, tendríamos mucho para perder en este mundo globalizado.* (La Nación, Homem, Argentina)
- b. *Si Reyes hubiese fallecido por ser embestido por un conductor que estuviera conduciendo a 237 km/h estaríamos hablando de otra cosa.* (El País, Homem, Barcelona)

Como podemos notar em (1a), a variante *-ra* está materializada no verbo “*desaparecieran*”; em (1b), no verbo auxiliar em “*hubiera sido*”. Já a variante *-se* se realiza em (2a) no verbo “*hiciese*”; em (2b), no verbo auxiliar em “*hubiese fallecido*”. Em (1) e (2), tais variantes alternam para a expressão do mesmo valor referencial, a noção de irrealidade/contrafactualidade<sup>4</sup>. Em (1b) e (2b), a noção de irrealidade/contrafactualidade está presente na negação implícita expressada pelas formas empregadas. Em outras palavras, isso quer dizer que em (1b) e (2b), por exemplo, há a negação implícita do que é expresso pelas formas “*hubiera sido*” e “*hubiese fallecido*”, ou seja, no momento da enunciação o enunciador aponta que o “protagonista” não é um homem, em (1b), e que, em (2b), Reyes não faleceu nas circunstâncias mencionadas. Logo, o que está sendo enunciado pelas formas empregadas não é de caráter real, factual. Em (1a) e (2a), por sua vez, ocorre o mesmo processo de negação implícita, na qual se encontra o caráter de irrealidade/contrafactualidade expresso pelas formas empregadas.

Considerando a identificação atual dessas duas variantes no paradigma de conjugação do modo subjuntivo e a significativa proeminência da variante *-ra* em detrimento da variante *-se* (ROJO; ROZAS, 2014; ARROYO, 2005; STERCK, 2000; ALARCOS LLORACH, 1999; GILI Y GAYA, 1961; RAE, 1931, 1973, 2010; BOSQUE; DEMONTE, 1999), nosso objetivo inicial é entender o que estaria motivando, em termos linguísticos e extralinguísticos, o uso dessas formas verbais no âmbito das orações condicionais, buscando sistematizar o funcionamento deste fenômeno de variação linguística. Dessa maneira, com o intuito responder a esta pergunta fundamental - como entender a alternância entre as formas *-ra* e *-se*? -, elaboramos um *corpus* escrito de duas variedades da língua espanhola, Argentina e Espanha, com o objetivo de explorar a variação entre tais formas em orações condicionais. Este *corpus* está composto por cartas de leitores de dois jornais eletrônicos: *El País*, da Espanha, e *La Nación*, da Argentina. A escolha da modalidade escrita e da seleção das variedades argentina e espanhola decorreu do fato de que, na literatura, aponta-se que é possível verificar a maior produtividade da variante *-se* na modalidade escrita, em contraste com a falada; e na variedade da Espanha, em contraponto com as variedades da América (ROJO, 2011; STERCK, 2000). Sendo assim, em relação à distribuição diatópica das variantes, nossa hipótese central é de que a variante *-se*

4 Neste trabalho, neutralizamos a distinção entre *potencial*, relacionado as formas simples, por exemplo “*fuera*” e “*fuere*”, e *irreal*, relacionado as formas compostas, por exemplo “*hubiera sido*” e “*hubiese sido*”, considerando a crítica de Montolio (1999), que sustenta a ideia de que um mesmo esquema modo-temporal pode expressar duas noções de expectativas diferentes.

resistiria mais e, por conseguinte, seria mais expressiva, na variedade espanhola (STERCK, 2000), em contraste com a variedade argentina. Para tanto, com o intuito de realizar o trabalho sociolinguístico, levantamos e controlamos, através de uma análise estatística, alguns fatores internos e externos que poderiam condicionar o emprego dessas variantes: (1) forma verbal; (2) estrutura verbal; (3) paradigma de conjugação do verbo; (4) pessoa gramatical; (5) estrutura das cláusulas condicionais; (6) gênero; (7) jornal/variedade; e, por fim, (8) províncias/cidades da Espanha.

A dupla possibilidade de realização do pretérito imperfeito do subjuntivo é possível em função do percurso diacrônico dessas formas verbais. As formas *-ra* e *-se*, originárias do mais-que-perfeito latino, possuíam valores modais de indicativo e subjuntivo, respectivamente. A primeira tem sua origem no pretérito mais-que-perfeito (*pluscuamperfecto*) do indicativo latino (*amaveram*); e a segunda no pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo (*amavissem*). Ambas as variantes sofreram processos de deslocamento, no que concerne ao aspecto modo-temporal. A variante *-ra* sofreu um processo de deslocamento de modo e de tempo, ou seja, do indicativo para o subjuntivo e do pretérito mais-que-perfeito para o pretérito imperfeito; a variante *-se*, por sua vez, sofreu apenas o segundo processo de deslocamento, do mais-que-perfeito do subjuntivo para o pretérito imperfeito do subjuntivo. A transição de *-ra* do modo indicativo para o modo subjuntivo ocorre, segundo Penny (1991), efetivamente, próximo ao fim da Idade Média. Este processo se deu em construções condicionais que expressavam improbabilidade e impossibilidade, ou seja, é através dos usos da forma *-ra* nessas construções que esta forma adquire nuances hipotéticas e irrealis características do modo subjuntivo.

Tendo em vista o percurso histórico de tais desinências na língua espanhola ao longo dos séculos e a identificação atual de tais desinências dentro do paradigma do modo subjuntivo para a expressão de noções subjuntivas, duas perspectivas são verificadas na literatura da área quanto à alternância das formas *-ra* e *-se*. Por um lado, os trabalhos de orientação sociolinguística tentam descrever e mapear a distribuição de uso de tais formas verbais, considerando fatores internos e externos à língua, como por exemplo Sterck (2000), Rojo e Rozas (2014), Arroyo (2005), Pérez Torres (2014), Kempas (2011), Aguilar (1990) e Travassos (2020). Por outro lado, a gramática tradicional (RAE, 1991, 1994, BOSQUE; DEMONTE, 1999, ALARCOS LLORACH, 1999, GILI Y GAYA, 1961) e a gramática descritiva sugerem a equivalência total de tais formas, sem que haja um condicionamento explícito para o uso de uma ou outra variante. Com relação a este último ponto de vista, Rojo e Veiga (1999, p. 2910), na *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* (BOSQUE; DEMONTE, 2000), defendem, de forma bastante assertiva, que a busca por diferenças de qualquer natureza no uso das variantes *-ra* e *-se* não seria útil, pois estaríamos procurando diferenças que apenas existem no “imaginário” e utopia dos linguistas. Rojo e Veiga tecem o seguinte comentário sobre este processo de variação:

A redução no uso de uma destas formas a favor da outra na língua falada é, com toda probabilidade, um dos fatores que motivou alguns autores querer ver diferenças de matiz significativo entre *cantara* e *cantase*, diferenças completamente imaginárias de acordo com o funcionamento do sistema verbal espanhol atual (ROJO; VEIGA, 1999, p. 2910, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Sendo assim, nos encontramos diante de um problema: existem ou não diferenças e condicionamento no uso das variantes? Caso, de fato, não haja diferenças, como explicar duas formas que competem para a expressão dos mesmos valores e usos? Existiria aleatoriedade na língua? Em meio a este embate, entre uma postura mais tradicional e outra que busca encontrar uma explicação para a sistematicidade subjacente ao funcionamento de um fenômeno variável, propomos, em Travassos (2020), uma análise e discussão em torno da variação no pretérito imperfeito do subjuntivo espanhol a fim de contribuir para o entendimento deste fenômeno. Dessa maneira, com o objetivo de responder a esses questionamentos iniciais, em Travassos (2020), apoiamo-nos no quadro teórico-metodológico da sociolinguística e elaboramos uma análise quantitativa, levantando, com base em nossa revisão da literatura, alguns fatores que poderiam condicionar o uso das formas *-ra* e *-se*.

### Descrição e análise dos dados

Como já mencionado, este trabalho busca, à luz da sociolinguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1978, 1994), investigar a variação na realização do pretérito imperfeito do subjuntivo em orações condicionais para a expressão da noção de *não-realidade*. De modo inicial, alguns pontos merecem nossa atenção antes de serem apresentados e detalhados os resultados de nossa análise. Logo após as ponderações iniciais, apresentaremos os resultados quantitativos obtidos para cada um dos grupos de fatores que foram controlados através do programa estatístico *GoldvarbX* (TAGLIMONTE, 2006; SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005).

Numa pesquisa sociolinguística quantitativa que adote uma análise através do programa estatístico é esperado, ao final do tratamento dos dados, obter-se resultados que confirmem ou não a(s) hipótese(s) levantada(s). O *GoldvarbX* é um programa de análise multivariada que permite investigar os contextos em que a variável linguística estudada é influenciada por múltiplas variáveis independentes, que são entendidas como os fatores (internos e externos) que condicionam o fenômeno variável, como apontam Guy e Zilles (2007). Assim sendo, quando, no fenômeno linguístico investigado, os fatores controlados que podem condicionar/influenciar a variável dependente são rejeitados pelo programa, isto é, não são selecionados como um

---

5 Do original, em espanhol: "La reducción en el uso de una de estas formas a favor de la otra en la lengua hablada es, con toda probabilidad, uno de los factores que han motivado en algunos autores el querer ver diferencias de matiz significativo entre *cantara* y *cantase*, diferencias completamente imaginarias de acuerdo con el funcionamiento del sistema verbal español actual." (ROJO; VEIGA, 1999, p. 2910).

fator condicionante, a hipótese para aquela variável independente não mais se aplica. A não aplicação decorre em função de que o fator controlado não é estatisticamente significativo para o programa e, por consequência, para explicar o funcionamento da variação linguística. De modo oposto, se o fator é significativo, a hipótese estará vigente e poderá ser testada, visto que o programa selecionou o fator como condicionador da variável dependente.

Destacamos, também, que em nossa análise houve momentos em que o fator controlado apresentou o que, na análise estatística, chamamos de *Knockout*<sup>6</sup>. Logo, para proceder à análise de peso relativo – razão probabilística usada para calcular o efeito de um fator condicionador na aplicação da regra variável, ou seja, o peso que um fator tem ao condicionar a ocorrência da variante que estipulamos como ‘aplicação da regra’, a variante *-se* –, é necessária a eliminação dos *Knockouts*. Dessa maneira, como será mostrado, as categorias pessoa gramatical e área geográfica<sup>7</sup> apresentaram *Knockouts*. Na primeira categoria não houve dados da segunda pessoa do plural e para a primeira e segunda pessoas do singular obtivemos, respectivamente, apenas uma ocorrência da variante *-ra*. Na segunda categoria, para as regiões de Zaragoza, Alicante, Asturias, Navarra, Las Palmas, Zamora e Albacete obtivemos 100% das ocorrências da variante *-ra*. Tendo em vista esse problema referente à análise dos dados, foi necessário tomar algumas decisões, que respondem a uma posição do próprio pesquisador diante dos resultados obtidos. Dessa forma, para solucionar os *Knockouts* e tentar chegar à rodada de peso relativo, há a possibilidade de eliminar o fator, caso ele, de fato, não se mostre relevante, ou agrupar os fatores de um determinado grupo. A fim de testar nossas hipóteses e chegar à rodada de peso relativo, reorganizamos os fatores com *Knockouts* e os solucionamos. Logo, três cenários foram testados, ou seja, três possibilidades foram consideradas no tratamento dos dados.

Em um primeiro momento da primeira rodada de eliminação dos *Knockouts* encontrados, a fim de se chegar ao valor do peso relativo, retiramos da rodada dos dados o fator *Conjugação*. A retirada deste fator cumpriu-se em função de que, na variável independente denominada *Estrutura verbal*, se verifica a ocorrência das variantes em estruturas simples (*fuese/-ra*) e compostas (*hubiese sido / hubiera sido*) e esta última está organizada prototipicamente por um verbo auxiliar de segunda conjugação (*haber*) seguido de um verbo principal em sua forma nominal de particípio (*sido/dicho/estado*), ou seja, todas as ocorrências na categoria “estrutura composta” se darão invariavelmente com verbos de segunda conjugação. Em outras palavras, o fator *Conjugação* incidiria apenas nas estruturas simples e neste primeiro momento queríamos verificar se, através da distribuição das ocorrências em estruturas simples e compostas, haveria

6 O *Knockout* é um termo empregado na análise estatística para referir-se às situações em que o fator controlado apresenta a frequência percentual de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente, conforme apontam Guy e Zilles (2007). Desse modo, nos contextos em que as variantes *-ra* ou *-se* apresentam os valores percentuais de 0 ou 100, entende-se que não há variação e o programa não pode apresentar pesos e frequências relacionados a este contexto. O *Knockout* constitui um problema analítico, dentro da perspectiva estatística, uma vez que não seria possível a descrição quantitativa da amostra geral.

7 Aqui utilizamos os termos “Região”, “Área geográfica” e “território” como sinônimos para nos referirmos às variedades delimitadas pelo caráter geográfico.

um comportamento diferente quanto ao nosso fator de aplicação, a variante *-se*. Ainda, neste primeiro momento de eliminação dos *Knockouts*, eliminamos o fator *Região* dentro da Espanha, visto que houve muitos *Knockouts* nesta categoria e pretendíamos fazer, em um primeiro momento, a distinção mais ampla entre América *versus* Espanha.

Em razão do *Knockout* na primeira e segunda pessoas do singular e do fato de que na segunda do plural não houve nenhuma ocorrência das variantes, reorganizamos a categoria *Pessoa gramatical*, recodificando os dados e privilegiando o traço de número. Consequentemente, agrupamos, por um lado, a primeira, segunda e terceira pessoa do singular e, por outro, a primeira e terceira pessoa do plural, como macrocategorias.

Nesse cenário, após a reorganização dos fatores controlados e a eliminação dos *Knockouts*, os dados foram submetidos ao tratamento estatístico de peso relativo. Nesta rodada, não houve a seleção de nenhum fator estatisticamente relevante capaz de condicionar a variação estudada. Dito de outra maneira, o programa entendeu que, da forma como as categorias foram parametrizadas por nós, nenhum resultado foi significativo para explicar o condicionamento da variação linguística.

Em uma segunda tentativa, eliminamos novamente a categoria *Conjugação* e mantivemos a *Estrutura verbal*; retiramos o fator *Variedade*, a oposição realizada entre Argentina *versus* Espanha, a fim de analisar a variação entre as variantes *-ra* e *-se* na variedade da Espanha especificamente, através das regiões/províncias da Espanha. No entanto, tendo em vista a quantidade de *Knockouts* nesta categoria, optamos por reorganizar, também, este fator. Desse modo, agrupamos as regiões: Asturias e Coruña, por um lado; e Alicante e Valencia por outro; mantivemos as regiões de Madrid; Barcelona e Cádiz; e eliminamos os territórios de Castela, Navarra, Zamora, Las Palmas, Zaragoza, visto que apresentavam apenas uma única ocorrência de uma das variantes. O modo como decidimos reorganizar o fator *Região/província* foi pensado em função da hipótese para esta categoria e essa organização se deu, na medida do possível, tentando respeitar o fator. Acreditávamos que em Asturias e Galicia teríamos uma significativa produtividade da variante *-se*, já que, de acordo com Sterck (2000), em sua pesquisa, foi encontrado um índice percentual de 50% das ocorrências da forma *-se* nessas duas regiões. No entanto, ao final da reorganização e eliminação dos *Knockouts*, ainda assim, não houve a seleção de nenhuma das variáveis independentes.

No terceiro momento, consideramos as duas possibilidades/cenários mencionados, ou seja, uma análise macro, considerando Espanha e Argentina, e uma análise micro, considerando apenas Espanha, dando ênfase na análise das estruturas simples e, desta vez, considerando o fator *Conjugação*. Em ambos os casos, atendendo apenas as estruturas simples, não houve a seleção de nenhum fator condicionante.

Considerando todas as tentativas de chegarmos à rodada de peso relativo, do modo como foi conduzida a pesquisa e pelo recorte que a realizamos, parece não haver, em termos estatísticos,

nenhum fator condicionante da variação investigada. Em outras palavras, em nossa análise, não houve a seleção, em nenhuma das rodadas, de nenhum fator considerado significativo pelo programa estatístico, ou seja, os fatores controlados não foram estatisticamente relevantes. Logo, não alcançamos chegar à última fase da análise estatística, que é obter o peso relativo dos fatores controlados e verificar a probabilidade de as variantes serem empregadas nos contextos controlados.

Em síntese, os dados foram codificados e submetidos ao programa *GoldvarbX*. Em princípio analisamos todos os dados e os submetemos à análise estatística. Em função dos *Knockouts* encontrados, foram realizadas algumas eliminações, amálgamas e recodificações, com o objetivo de tentarmos chegar à rodada de peso relativo. Em todas as combinações pensadas não foi possível obter resultados de nenhuma seleção específica de fatores condicionadores da variável dependente. Em outras palavras, não foi possível encontrar valores de peso relativo. Em função disso, vamos explorar, aqui, os resultados de nossa análise, em suas formas percentuais e em números absolutos.

### Descrição dos dados: resultados quantitativos

Entre o período<sup>8</sup> de 1 de maio de 2019 a 1 de outubro de 2019, levantamos todas as cartas de leitores publicadas nos respectivos jornais eletrônicos, correspondendo a um total de 1822<sup>9</sup> cartas de leitores: 1142 da Argentina e 680 da Espanha. Desse modo, selecionamos todas as cartas de leitores que continham ocorrência(s) das formas verbais *-ra* e *-se* no pretérito imperfeito do subjuntivo espanhol simples, estando este como forma verbal única - *pudiera* / *pudiese* – e composta, um verbo principal + auxiliar, pertencente ao mais-que-perfeito (“pluscuamperfecto”) - *hubiera podido* / *hubiese podido*. A tabela, a seguir, ilustra o total de ocorrências dessas formas verbais em relação ao conjunto de cartas em que as variantes apareceram.

**Tabela 1** - Distribuição das cartas e das ocorrências encontradas nos dois periódicos analisados: *El País* e *La Nación*.

Periódicos	Ocorrências			Total de Cartas
	<i>-ra</i>	<i>-se</i>	Total de dados	
El País	136	20	156	118
La Nación	264	33	297	219
Total	400	53	453	337

**Fonte:** Travassos (2020, p. 85)

8 O período de construção do *corpus* de pesquisa se deu em razão do planejamento feito para o curso de Mestrado, segundo o qual, no intervalo apresentado (01/05/2019 – 01/10/2019), estava prevista a coleta e tratamento dos dados para a análise.

9 A desproporção do número de cartas nos jornais ocorre em função do número de publicações diárias, que variam entre 4 a 5 cartas diárias no *El País* e 9 a 10 cartas diárias no *La Nación*.



Verifica-se que, no total de 118 cartas, obtivemos o total de 156 ocorrências na variedade da Espanha, no periódico *El País*, respectivamente 136 ocorrências de *-ra* e 20 ocorrências de *-se*. Já a variedade argentina, no conjunto de 219 cartas, no periódico *La Nación*, obtivemos o total de 297 ocorrências, respectivamente 264 ocorrências de *-ra* e 33 ocorrências de *-se*. Logo, neste cenário, obtivemos o total de 453 ocorrências das variantes *-ra* e *-se*. Após o levantamento das ocorrências das variantes nas cartas de leitores enviadas para os dois periódicos, restringimos a seleção e filtramos todos os casos das desinências que se davam apenas em construções condicionais, visto que é nosso objetivo analisar a alternância entre *-ra* e *-se* nesse contexto. A delimitação do contexto controlado nesta pesquisa se deu em função de que em construções condicionais pode-se verificar o uso das variantes para expressar noções efetivamente subjuntivas, como a de *irrealidade*. Sendo assim, tendo em vista os contextos que não representam estruturais condicionais, do total de 453 ocorrências dessas formas, apenas 103, referentes às estruturas condicionais, foram consideradas em nossa análise. Nosso objetivo é analisar as variantes *-ra* e *-se* em orações condicionais para a expressão da noção de não-realidade.

## Dados Gerais

Em nosso *corpus*, contamos com 103 ocorrências das variantes *-ra* e *-se*, extraídas de 337 cartas de leitores de dois periódicos: *El País* e *La Nación*. Partindo desses dados, a seguir, apresentamos a tabela referente à distribuição das variantes *-ra* e *-se* frente ao total de ocorrências encontradas.

**Tabela 2** - Frequência percentual e absoluta frente ao total de ocorrências das formas simples e compostas de *-ra* e *-se*.

Ocorrências	<i>-ra</i>	<i>-se</i>
103	84 (81,6%)	19 (18,4%)

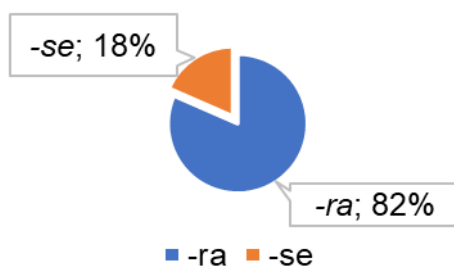
**Fonte:** Travassos (2020, p. 104)

Como se pode ver na tabela 2, a estratégia mais produtiva, na amostra, para expressar a noção de *irrealidade* nas orações condicionais, é a variante *-ra*. Em nosso *corpus*, obtivemos o total de 84 ocorrências da variante *-ra* e 19 ocorrências da variante *-se*, dentro do universo geral de 103 ocorrências. A primeira forma pode ser observada nos exemplos em (3); a segunda, nos exemplos em (4).

- (3) a. Si tuviera suerte y AF ganara la elección, el 11 de diciembre este decretaría (como lo hizo Campora con los guerrilleros) un indulto para todos los corruptos encarcelados o procesados, incluida Cristina. (La Nación, Homem, Argentina).
- b. Si ese momento llegara, es probable que los indignados, enfadados e irritados fueran los primeros en manifestar su contrariedad y frustración. (El País, Homem, Asturias)
- (4) c. Si mucha gente hiciese lo mismo, tendríamos mucho para perder en este mundo globalizado. (La Nación, Homem, Argentina)
- d. Si tanto les preocupase la vida humana, por que no prohíben las armas de fuego? (El País, Mulher, Valência)

Ademais, os resultados gerais podem ser melhor visualizados no gráfico abaixo, que nos mostra os percentuais de cada variante.

**Gráfico 1** - Freqüência percentual frente ao total de ocorrências das formas simples e compostas de *-ra* e *-se*.



**Fonte:** Travassos (2020, p. 105).

Os dados gerais, apresentados em forma de tabela e gráfico, mostram-nos a predominância da variante *-ra* nas orações condicionais, em detrimento da variante *-se*, que se mostra pouco frequente na competição para a expressão de valores subjuntivos na língua espanhola, nesta amostra, o de *irrealidade*. A forma *-ra* apresenta o percentual de 81,6% frente ao total de ocorrências. De modo oposto, em nosso *corpus*, verificamos o percentual relativamente baixo, de 18,4%, da variante *-se*. Os nossos resultados gerais correspondem com o que esperávamos ao consultar outros trabalhos que buscaram investigar processo de variação entre tais formas, nos quais apontaram a predominância da variante *-ra* em detrimento da variante *-se* (ROJO; ROZAS, 2014; AROYO, 2005; STERCK, 2000; ALARCOS LLORACH, 1999; GILI Y GAYA, 1961; RAE, 931, 1973, 2010). Considerando o cenário empiricamente apresentado e o que nos diz a literatura da área, so notrios os altos índices de uso da variante *-ra* em detrimento do uso resiliente da forma *-se*.

Ainda que nenhum fator tenha sido considerado estatisticamente relevante, como foi mencionado, voltaremos a essa questão na discussão de nossos resultados. Por ora, a nossa preocupação será descrever os resultados quantitativos, em termos percentuais. Nas subseções a seguir, apresentaremos os resultados percentuais e absolutos dos fatores controlados na análise

da variação entre as formas *-ra* e *-se* do pretérito imperfeito do subjuntivo espanhol em orações condicionais para a expressão da noção de não-realidade.

### Estrutura verbal

Com este fator pretendíamos verificar se o uso das variantes *-ra* e *-se* estaria determinado em função de sua estrutura verbal. Foram considerados como estruturas simples os casos em que tais variantes são constituídas de um único verbo: *fuera* ou *fuese*, e compostas aqueles casos em que tais variantes são empregadas em estruturas com um verbo auxiliar seguido de um particípio: *hubiera sido* ou *hubiese sido*.

De acordo com a Real Academia Espanhola (2000, 2010), o uso das formas simples nas orações encaixadas de estruturas condicionais estaria relacionado à expressão do caráter semântico de *improbabilidade/potencialidade*; já o uso das formas compostas estaria relacionado ao caráter de *irrealidade*. Contudo, se considerarmos a configuração temporal das construções condicionais, segundo Montolío (2000), as estruturas simples, correspondentes ao pretérito imperfeito do subjuntivo, também expressariam o caráter de *irrealidade*, uma vez que a referência temporal se orienta em direção ao futuro, como ilustrado em (5). Montolío (2000) sustenta a ideia de que um mesmo esquema modo-temporal pode expressar duas noções de expectativas diferentes, como por exemplo a estrutura “*si*” + *imperfeito do subjuntivo* + *condicional*, que pode expressar tanto *improbabilidade*, se a referência temporal se orienta em direção ao futuro, ilustrado em (5a); ou como *irrealidade*, se a referência temporal é simultânea ao momento em que se produz o enunciado, ilustrado em (5b e 5c).

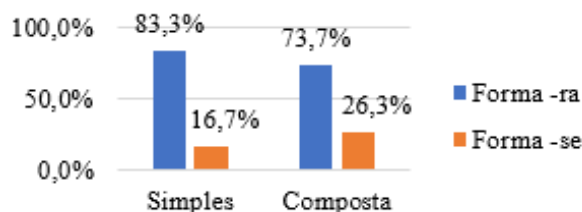
- (5) a. Si aprobáramos el próximo examen, podríamos acceder a esa plaza.  
b. Si Javier Barden fuera estadounidense, sería un actor famoso en el mundo entero.  
c. Si estuviéramos ahora en una pista de esquí, nos estaríamos divirtiendo muchísimo.

Montolío (2000) enfatiza que a correlação entre a noção semântica e o esquema de correlação modo-temporal parece inadequado. Portanto, neste trabalho, neutralizamos a distinção entre *potencial* e *irreal* e adotamos o critério das relações temporais que tais formas podem desempenhar, ou seja, o esquema de (-V) para anterioridade; (oV) para simultaneidade; e (+V) para posterioridade, em relação à origem (O), a enunciação. Entendemos que as cláusulas condicionais que expressam a noção de *irrealidade* são aquelas em que as relações temporais expressas pela encaixada se referem a um universo posterior (+V) ou simultâneo (oV) ao momento da enunciação. Logo, consideramos que ambas as estruturas compartilham da noção de *irrealidade*.

Ao considerarmos que a oração condicional estrutura uma relação entre duas realidades, dois mundos possíveis ou reais, construímos, na oração encaixada, um universo hipotético, real ou que supomos que seja real no momento da enunciação; já na oração matriz, construímos

um mundo criado em função do que se enuncia linguisticamente na encaixada. No exemplo em questão (5), podemos verificar que o “acesso ao cargo” (O+V) só poderá ser realizado em função de que sejamos “aprovados no exame” (O+V). No momento em que se enuncia (5), ambas as proposições referem-se a uma realidade que pode vir a ser construída no futuro (+V) e, logo, não são reais. Aplicado o esquema de Rojo e Veiga (1999), teríamos a seguinte estrutura vetorial: ((O+V), (O+V)). Sabemos que não aprovamos (ainda) o exame e que, portanto, não conseguimos (ainda) o cargo; se não passarmos no exame não conseguiremos o cargo. Desse modo, ao controlar a estrutura verbal em que se encontram as variantes, acreditávamos que as formas *-ra* e *-se* poderiam estar condicionadas em função do tipo de estrutura, se simples ou composta. Considerando os resultados obtidos para a variante *-se* em comparação aos obtidos para a forma *-ra*, o uso dessa forma, no *corpus* analisado, apresenta-se mais produtivo com as estruturas compostas, cujo resultado percentual é de 26,3% de ocorrências em contraste com 16,7% com as estruturas verbais simples. O gráfico a seguir ilustra os resultados percentuais obtidos.

**Gráfico 2** - Frequência percentual das ocorrências das formas *-ra* e *-se* nas estruturas verbais.



**Fonte:** Travassos (2020, p. 109).

Como se pode verificar, em ambas as estruturas a variante *-ra* mostra-se mais produtiva. Por outro lado, em comparação com as estruturas simples (16,7%), a variante *-se* parece ser mais registrada em estruturas compostas (26,3%). Desse modo, no gráfico 2, observamos que há a predominância da variante *-ra* em ambas as estruturas, 83,3% nas estruturas simples, ilustradas nos exemplos em (6), e 73,7% nas estruturas compostas, ilustradas nos exemplos em (7).

- (6) a. *Si Amancio Ortega, Juan Roig y los ocho que les siguen en la lista de ricos decidieran marcharse, resultaría que su decisión llevaría al resto de los españoles a situarse en un país muy igualitario.* (El País, Homem, Alicante, Elche)
- b. *Quizá si les empezara a afectar al bolsillo, se lo tomarían más en serio y en lugar de echar pulsos a ver quién es más, se centrarían en llegar a acuerdos en base a puntos de convergencia en los programas y planteamientos políticos.* (El País, Mulher, Madrid)
- c. *Si alguna autoridad o funcionario responsable negara mis dichos o intentara desdecirlos, cuento con fotos de cada una de las situaciones mencionadas, y con el testimonio de los vecinos.* (La Nación, Homem, Argentina)
- d. *Y si se quisiera profundizar, el 40% de los puestos deberían cubrirse obligatoriamente con beneficiarios de planes sociales.* (La Nación, Homem, Argentina)

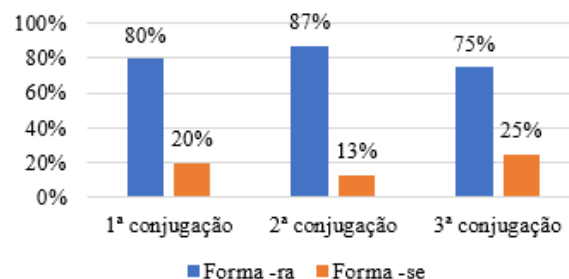
- (7) a. *Me pregunto qué habría sido de la Transición si en lugar del cuarteto formado por Fraga, Suárez, Felipe González y Carrillo los protagonistas hubieran sido Casado, Rivera, Sánchez e Iglesias.* (El País, Homem, Madrid)
- b. *Si el consenso logrado en aquella comisión se hubiera alcanzado en otras cuestiones de Estado, el país ya habría salido del estancamiento y la Filosofía, posiblemente también.* (El País, Homem, Corunha)
- c. *Si le hubieran pedido a ella el DNI, ¿se habría negado?* (La Nación, Homem, Argentina)
- d. *Las elecciones las ganó Cristina, pero el resultado habría sido muy peleado si no hubiera existido la opción Lavagna.* (La Nación, Homem, Argentina)

### Paradigma de conjugação do verbo

Neste fator, foram desconsideradas as ocorrências das estruturas compostas, ou seja, dos casos em que se tem o verbo *haber + participio*. A exclusão das estruturas compostas se deu em razão do fato de que esta estrutura é prototipicamente formada por um verbo de segunda conjugação, ou seja, um verbo cuja terminação é *-er*.

O gráfico 3, a seguir, apresenta-nos a distribuição das ocorrências das variantes *-ra* e *-se* de nosso *corpus*, segundo a natureza da conjugação verbal, sendo, portanto, os verbos de primeira conjugação aqueles terminados em *-ar*; de segunda, em *-er*; de terceira, em *-ir*.

**Gráfico 3** - Frequência percentual das ocorrências de *-ra* e *-se* segundo paradigma de conjugação.



**Fonte:** Travassos (2020, p. 111).

De modo geral, neste fator, os maiores percentuais encontram-se com a variante *-ra*, respectivamente 80% com verbos de primeira conjugação, 87% com verbos de segunda, e 75% com verbos de terceira; já a variante *-se* detém os percentuais de 20% na primeira conjugação, 13% na segunda conjugação e 25% na terceira conjugação. As ocorrências, da primeira, segunda e terceira conjugação, podem ser verificadas nos exemplos em (8), para o jornal *El País*, e (9), para o jornal *La Nación*.

- (8) a. *Tampoco veré cómo un partido político supera en votos a otro, si esto llegara a acontecer se trataría de un sorpasso.* (El País, Homem, Madrid)
- b. *Si desaparecieran, el país se quedaría parado.* (El País, Homem, Valência)
- c. *Si de pronto existiera un partido que pudiéramos denominar “Jubiparo”, con un programa de trabajo y pensión creíbles, podría alcanzar la friolera del 34% del voto.* (El País, Homem, Oviedo, Astúrias)
- (9) a. *Si solo nos diéramos cuenta de que cediendo un poco, muy poco, de lo nuestro se puede mejorar la vida entera de otro, tendríamos el éxito de nuestro país mucho más cerca.* (La Nación, Homem, Argentina)
- b. *A medida que venían a mi memoria imaginé que si pudieran ver el edificio en el que están, las lágrimas serían inevitables.* (La Nación, Homem, Argentina)
- c. *Desgraciadamente García Venturini falleció muy joven, pero es muy probable que si viviese y llegase al gobierno la fórmula Fernández-Fernández y sus adláteres de La Cámpora, se referiría a ellos con un término aún peor que kakistocracia.* (La Nación, Homem, Argentina)

O gráfico 3 nos mostra que, de modo geral, há o predomínio da variante *-ra* nos três paradigmas de conjugação verbal e que, em termos percentuais, não existem diferenças significativas de uso da variante *-se*, embora se mostre mais produtiva na terceira conjugação: ao considerarmos os resultados somente da variante *-se*, temos em primeiro lugar a terceira conjugação, com 25% das ocorrências; em uma segunda posição, com 20%, encontram-se as ocorrências de *-se* com verbos de primeira conjugação; e em último lugar, 13% com verbos de segunda conjugação. Nossa hipótese era de que a variante *-se* seria mais produtiva com verbos de segunda conjugação, uma vez que, ao considerar unicamente os verbos denominados “especiais”, ou seja, verbos irregulares, Sterck (2000) indicou que a variante *-se* seria mais produtiva com os verbos “*haber*” e “*ser*” e outros verbos da mesma categoria, como por exemplo “*tener*”. Contudo, nossos dados não coincidem com nossa hipótese, uma vez que o uso de *-se* se mostrou mais produtivo na terceira conjugação.

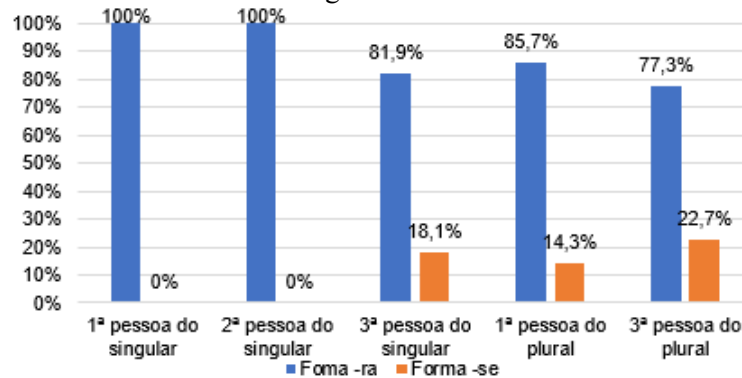
Considerando o exposto, acreditamos que, talvez, se aumentássemos o *corpus*, o cenário poderia ser diferente do que encontramos nesta pesquisa, visto que Sterck (2000) encontrou resultados significativos para a variante *-se* ao analisar as ocorrências individuais dos verbos irregulares em contraste com os regulares. Não realizamos o mesmo procedimento uma vez que o número de dados não permitiria realizar essa distribuição.

### **Pessoa gramatical**

Analisamos, neste momento, a distribuição das variantes de acordo com a pessoa gramatical. O gráfico 4 ilustra os resultados encontrados em nosso *corpus*. Cabe lembrar que

não houve ocorrências da segunda pessoa do plural, ademais na primeira e segunda do singular ocorreu o que denominamos *Knockout*.

**Gráfico 4** - Frequência percentual das ocorrências das formas *-ra* e *-se* segundo a natureza da pessoa gramatical.



**Fonte:** Travassos (2020, p. 114).

A partir do gráfico acima, observamos a predominância da forma *-ra* em todas as pessoas gramaticais. Na primeira (10) e segunda pessoa do singular (11) houve apenas uma ocorrência, respectivamente, representando o total de 100% para cada categoria:

- (10) *Si yo fuera descendiente de Franco, lejos de enfadarme con el Gobierno socialista le estaría agradecido por elegir el cementerio de Mingorrubio como su destino final.* (El País, Homem, Madrid)
- (11) *Si lo incentivás -con tu voto-, pasás a ser su cómplice, pero con mayor responsabilidad aún, porque él no podría robar si vos le negaras el cargo al que lo encumbrás.* (La Nación, Homem, Argentina)

Na terceira pessoa do singular, houve o total de 81,9% das ocorrências da variante *-ra* (12) e 18,1% de *-se*, ilustrada em (13).

- (12) *Si esto fuera así, fácilmente en las siguientes, ante cualquier dificultad podríamos escuchar de nuevo la amenaza de repetir las elecciones, como viene siendo nuestra tradición.* (El País, Homem, Alicante)
- (13) *Si mucha gente hiciese lo mismo, tendríamos mucho para perder en este mundo globalizado.* (La Nación, Homem, Argentina)

Na primeira pessoa do plural, verificamos o total de 85,7% das ocorrências de *-ra*, ilustrada em (14), e 14,3% de *-se*, ilustrada em (15).

- (14) *Si todos, o al menos la mayoría, intentáramos ser “formidables”, otro gallo nos cantaríamos.* (El País, Homem, Zamora)
- (15) *Con el poso de sensatez que van dejando los años vividos, si pudiésemos volver atrás haríamos tantas cosas a la inversa o, por lo menos, de otra manera.* (El País, Homem, Valência)

Na terceira pessoa do plural, obtivemos o total de 77,3% das ocorrências em *-ra*, ilustrada em (16), e 22,7% em *-se*, ilustrada em (17).

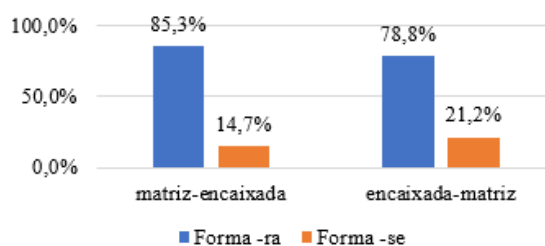
- (16) *Si estas reacciones fueran un anticipo del talante y los modos de un potencial futuro presidente, no parece haber elegido el modo más auspicioso para su presentación ante la sociedad.* (La Nación, Homem, Argentina)
- (17) *A lo mejor si se pusiesen de acuerdo en que gobernase la lista más votada, se resolvería el problema y los pactos se harían a posteriori, en relación con proyectos concretos.* (El País, Homem, Madrid)

Esperávamos que, de alguma maneira, na primeira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural houvesse os maiores índices de ocorrências da forma *-se*, visto que Sterck (2000) aponta que o uso desta variante é mais produtivo nesses contextos. Como se pode ver no gráfico 4, os nossos resultados coincidem parcialmente com nossa hipótese, visto que não obtivemos nenhum dado de *-se* na 1ª pessoa do singular, mas obtivemos 22,7% de *-se* na 3ª pessoa do plural, sendo essa a maior taxa encontrada. Em outras palavras, embora *-ra* tenha sido predominante, considerando estes resultados, observamos que, em nosso *corpus*, a variante *-se* se mostrou mais produtiva na terceira pessoa do plural, em contraste com as demais pessoas gramaticais.

### Estrutura das cláusulas condicionais

Com este fator, pretendíamos observar o comportamento da ordem das estruturas condicionais, mais especificamente da posição que ocupava a oração encaixada, a fim de identificar se a ordem em que a encaixada e a matriz apareciam condicionaria o uso de uma ou outra variante, uma vez que tais formas podem ser empregadas em ambas as posições (GILI Y GAYA, 1961; RAE, 2010). Logo, a fim de verificar se talvez a estrutura poderia contribuir para o aparecimento das variantes, obtivemos os resultados apresentados no gráfico a seguir.

**Gráfico 5** - Frequência percentual das ocorrências das formas *-ra* e *-se* segundo a ordem da estrutura condicional.



**Fonte:** Travassos (2020, p. 116).

O gráfico acima nos mostra que, tanto na estrutura matriz-encaixada, ilustrada em (18), quanto na estrutura encaixada-matriz, ilustrada em (19), há a preferência pela variante *-ra*. A variante *-ra* na primeira estrutura é usada em 85,3% das ocorrências, correspondendo ao total de 29 casos. Na segunda estrutura, *-ra* é utilizada em 78,8% das ocorrências, correspondendo ao total de 52 casos.



- (18) *Sería recomendable que la izquierda abertzale reflexionara sobre los sentimientos de humillación, indignación e impotencia que sentiría, si tras la excarcelación de un miembro del Batallón Vasco Español, las fuerzas más reaccionarias de la derecha española realizaran actos similares.* (El País, Homem, Madrid)
- (19) *Si el país fuera una empresa, estaría quebrado.* (La Nación, Homem, Argentina)

Levando em consideração os números absolutos das ocorrências das estruturas encaixada-matiz e matiz-encaixada, é interessante notar que o resultado deste fator vai em direção ao que Montolío (2000) argumenta sobre as orações condicionais de modo geral. Segundo a autora, pautada no universal 14 de Greenberg (1996), a estrutura mais comum das cláusulas condicionais seria a anteposição da oração encaixada, geralmente introduzida por “si”, diante da matriz, o que de fato ocorre neste trabalho, com o total de 66 casos da estrutura encaixada-matriz. Sendo assim, a estrutura encaixada-matriz, para a autora, constituiria um esquema não marcado e mais habitual, uma vez que a função da encaixada seria produzir uma realidade com a qual se interpretaria a informação que segue na matriz. Logo, o *corpus* analisado neste trabalho aponta que a estrutura mais produzida, de fato, é a que a autora postula, ou seja, encaixada-matriz, em detrimento dos 34 casos da estrutura matriz-encaixada. Ainda, o gráfico 5 nos mostra que a variante *-se* alcançou o índice de 21,2% das ocorrências nas estruturas encaixada-matriz e o índice de 14,7% nas estruturas matriz-encaixada. Desse modo, podemos dizer que, embora a variante *-ra* seja proeminente em todos os contextos, a variante *-se* é mais produtiva nas estruturas encaixada-matriz, em contraste das estruturas matriz-encaixada.

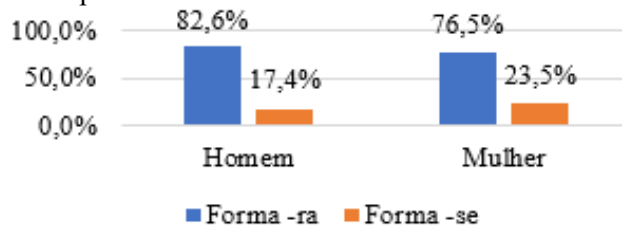
Considerando o nosso objetivo ao controlar este fator, observamos, talvez, a explicação deste fenômeno de variação possa estar relacionada ao nível discursivo/textual, e não meramente a aspectos gramaticais fixos, pelo menos no que se refere à alternância dessas variantes em orações condicionais, uma vez que o maior índice da variante *-se* ocorre nas estruturas encaixada-matriz e, segundo Montolío (2000), esta ordem da estrutura estaria atuando em função do critério discursivo/textual e refere-se à tendência de topicalização da condição, uma vez que representaria uma informação já conhecida ou introduzida no discurso ou presente implicitamente na consciência do interlocutor. Outro fator que favoreceria a estrutura encaixada-matriz seriam os contextos em que as orações encaixadas formam uma unidade prosódica independente, separadas da matriz por uma pausa. Na escrita essa pauta é representada pela vírgula, como se pode ver no exemplo (19).

Isto posto, embora este fator revele um aspecto geral em que tais formas ocorrem, isto é, incidem sobre a estrutura das condicionais e não sobre a alternância *-ra* e *-se*, poderíamos averiguar, em trabalhos futuros, o comportamento desta variação considerando outros aspectos linguísticos-textuais sob um recorte menor, ora considerando exclusivamente a ordem encaixada-matriz, ora a ordem matriz-encaixada, propondo um contraste entre tais estruturas.

## Gênero

O *corpus* que elaboramos permite o controle do fator gênero. Desse modo, no gráfico a seguir, apresentamos a distribuição das variantes *-ra* e *-se* segundo este fator.

**Gráfico 6** - Frequência percentual das ocorrências das formas *-ra* e *-se* segundo o gênero.



**Fonte:** Travassos (2020, p. 118).

A partir da leitura dos resultados, verificamos que, em primeiro lugar, a variante *-ra* é mais utilizada por homens: obtivemos o percentual de 82,6% de ocorrências desta variante, correspondendo ao total de 71 casos; em segundo lugar, verificamos o percentual de 76,5% de uso da variante *-ra* por mulheres, equivalente ao total de 13 casos desta forma no universo de 17 ocorrências. Atendendo aos resultados percentuais exclusivos da variante *-se*, identificamos 23,5% das ocorrências com as mulheres e 17,4% com os homens. Nesse cenário, em nossa amostra a variante *-se* é mais utilizada por mulheres do que por homens.

Nesse sentido, é interessante notar que os nossos resultados mostram um cenário oposto ao de Kempas (2011), ao analisar esta variação na modalidade escrita da Espanha. De acordo com o autor, embora a variante *-ra* predomine em ambos os sexos (homens, 65,2%; mulheres, 92,9%), em relação à variante *-se*, a produtividade desta forma ocorreria mais com homens (34,8%) do que com as mulheres (7,1%). Dessa maneira, os nossos resultados mostraram um cenário inversamente oposto, ou seja, a maior produtividade da variante *-se* estaria localizada nas cartas de mulheres.

Ademais, a partir destes resultados, nos questionamos sobre as diferenças encontradas entre a modalidade escrita e a modalidade falada, segundo o gênero. Sterck (2000) aponta que não há diferenças significativas entre as variantes *-ra* e *-se* na modalidade falada; em contrapartida, Rojo e Rozas (2014) apontam que, embora haja a predominância da variante *-ra* em ambos os sexos (homens, 67,23%; mulheres, 80,93%), ao considerar os percentuais das ocorrências da variante *-se* na modalidade falada, esta forma é mais produtiva com homens (32,77%), do que com mulheres (19,07%).

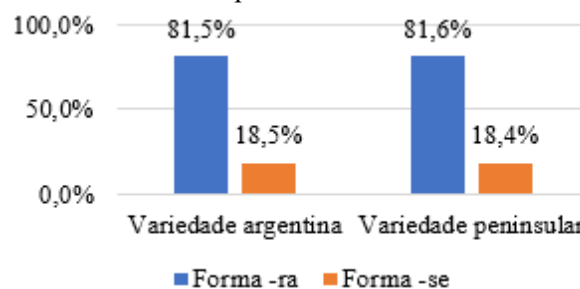
Tendo em vista as diferenças encontradas, na modalidade escrita e na modalidade falada, de modo geral, não parece haver diferenças significativas, sob o ponto de vista do gênero dos falantes/escritores, uma vez que a forma *-ra* é a que predomina tanto com as mulheres quanto com os homens. Isto nos leva a prosseguir a discussão, que será tratada mais adiante, sobre até onde nos encontramos diante de um fenômeno efetivamente variável, ou, ainda, se existe variação entre tais formas, visto que os resultados apenas contribuem para afirmar que, no

espanhol atual, a variante *-ra* é a que detêm os maiores índices de produção e a variante *-se* não parece se comportar de forma diferente em função de fatores gramaticais e sociais.

### Variedade do espanhol

Com o objetivo de observar o comportamento das variantes *-ra* e *-se* em duas áreas geográficas distintas e tendo em conta que o *corpus* nos oferece esse recurso, controlamos o fator geográfico, que corresponde a duas variedades da língua espanhola. No gráfico, a seguir, apresentamos os resultados.

**Gráfico 7** - Frequência percentual das ocorrências das formas *-ra* e *-se* segundo a variedade do espanhol escrito.



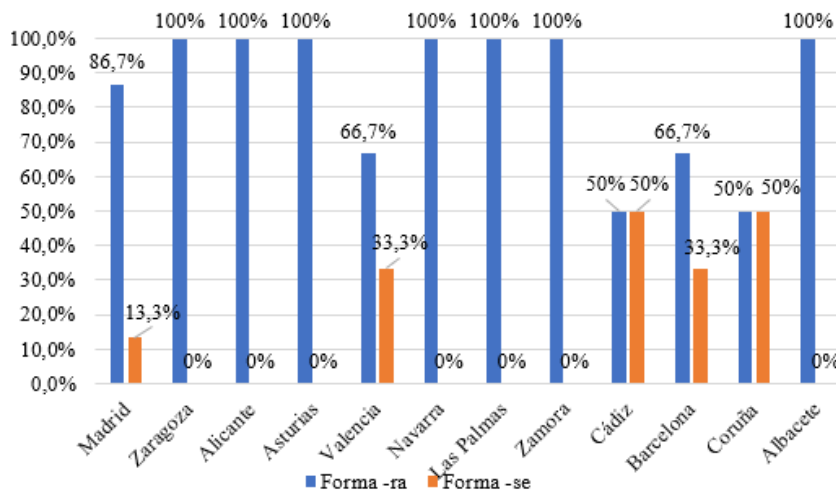
**Fonte:** Travassos (2020, p. 120).

Os dados nos mostram que, sob o ponto de vista da variedade/área geográfica analisada, isto é, Espanha e Argentina, a distribuição das variantes *-ra* e *-se* se mostra equiparada, com a diferença mínima de 0,1%, tanto em relação à variedade, quanto em relação à variante. Assim sendo, verificamos que há, de modo geral, a predominância da variante *-ra* em ambas as variedades. Na variedade argentina 81,5% das ocorrências correspondem à variante *-ra*, e na variedade da Espanha, 81,6%. Já em relação às ocorrências da variante *-se*, tampouco identificamos diferenças significativas que possam apontar a produtividade, em maior ou menor grau, nas variedades analisadas. Na variedade argentina, 18,5% das ocorrências são de *-se* na amostra analisada, e na variedade da Espanha, 18,4%. Nossa hipótese era a de que, como apontado por Sterck (2000), os maiores índices de uso da variante *-se* estariam localizados na variedade da Espanha em comparação com a variedade argentina. Contudo, como se pode verificar no gráfico 7, ambas as variedades apresentam índices muito próximos da variante *-se*. A partir destes resultados, embora estejamos tratando de variação diatópica, nos questionamos se não existiriam diferenças de outras naturezas, como em relação ao estilo e formalidade no uso das variantes *-ra* e *-se*, visto que, segundo Sterck (2000, p. 103), a variante *-se* mantém-se especialmente em variedades normativas e conservadoras, sendo o espanhol escrito de Castela uma dessas variedades. Considerar tais fatores em análises futuras pode apontar novas perspectivas deste fenômeno de variação, uma vez que, no *corpus* analisado, não há diferenças que apontem para um comportamento diferenciado deste fenômeno na modalidade escrita.

## Região/província<sup>10</sup>

Uma vez que a configuração do *corpus* analisado nesta pesquisa permite controlar, ademais das regiões maiores, Argentina e Espanha, também as áreas geográficas da variedade da Espanha, apresentamos, no gráfico a seguir, os resultados referentes à distribuição das variantes *-ra* e *-se* dentro do recorte da variedade espanhola. Ressaltamos para o fato de que os dados referentes à variedade argentina não foram considerados neste momento e que, nesta categoria, houve muitos *Knockouts*.

**Gráfico 8** - Frequência percentual das ocorrências das formas *-ra* e *-se* segundo a região/província da Espanha.



**Fonte:** Travassos (2020, p. 122).

No gráfico 8, verificamos que nas regiões de Zaragoza, Alicante, Asturias, Navarra, Las Palmas, Zamora e Albacete houve a predominância exclusiva da variante *-ra* na amostra analisada, com 100% das ocorrências. Dessa maneira, na amostra analisada não houve registro de variação nessas áreas geográficas. É possível que, se aumentássemos o *corpus*, registraríamos a alternância de tais variantes nas regiões em que houve apenas o uso da variante *-ra*. Por outro lado, em relação às áreas geográficas em que identificamos a alternância das formas, na região de Madrid observamos que 86,7% de ocorrências correspondem ao uso da variante *-ra* e 13,3%, de *-se*; na região de Valencia 66,7% de ocorrências são de *-ra* e 33,3% de *-se*; em Cádiz, 50% de *-ra* e 50% de *-se*; em Barcelona 66,7% dos dados são da variante *-ra* e 33,3% da variante *-se*; e na região de Coruña 50% dos casos correspondem ao uso de *-ra* e 50% de *-se*.

Segundo Sterck (2000), no que diz respeito à variante *-se* na modalidade escrita de cinco regiões da Espanha, nos territórios de Castela (68,83%) e Asturias-Galicia (50%) encontram-se os maiores índices de ocorrência da variante *-se*; por outro lado, as regiões de País Vasco (38,46%), Catalunha (35,90%) e Andaluzia (34%) são as que menos fazem uso dessa variante. Considerando esses resultados, acreditávamos que nas regiões de Asturias, Coruña e Madrid a variante *-se* poderia ser mais produtiva, no entanto, isso não foi verificado na análise.

<sup>10</sup> Considerando o fator geográfico, apenas o periódico *El País* permite o controle das áreas geográficas/territórios dos quais os autores das cartas são oriundos; já o periódico *La Nación* não fornece essas informações, impossibilitando, assim, o controle geográfico no interior da variedade argentina.

Ao controlar o fator região, de modo geral, os maiores números de casos da forma *-se* se deram nas regiões de Madrid, com duas ocorrências; Valência, com duas ocorrências; Barcelona, com apenas uma ocorrência; Corunha, com apenas uma ocorrência. Logo, não foi possível estabelecer tendências gerais, uma vez que o número de dados que foram encontrados no *corpus* analisado não é significativo. Seria, assim, necessário fazer um levantamento maior de dados para a análise e discussão do fenômeno. Por fim, chegamos à conclusão de que o fator região também não parece explicar a alternância entre as variantes *-ra* e *-se* em estruturas condicionais.

### **Breve discussão dos resultados**

Com o objetivo de apresentar uma discussão e reflexão iniciais em torno dos resultados obtidos em Travassos (2020), propomos, neste momento, a retomada de alguns conceitos que nos foram úteis com base no modelo teórico de nossa investigação. Ademais, discorreremos, também, sobre o embate entre Labov (1978) e Lavandera (1978) referente à aplicação de um modelo teórico inicialmente pensado para a fonologia – a sociolinguística – e posteriormente aplicado aos outros níveis da língua, a morfossintaxe, por exemplo. Neste cenário, levamos essa discussão adiante e nos questionamos sobre a viabilidade da aplicação do modelo sociolinguístico para o estudo da alternância entre duas desinências verbais que, a princípio, acreditamos que compartilhem do mesmo valor “referencial” e “funcional” e que poderia ser caracterizada como um fenômeno de alomorfismo na língua. Portanto, com base em nossos resultados e no que diz a perspectiva geral do estudo dessas variantes, verificamos que, ao menos nos moldes em que aqui fizemos, uma análise efetivamente sociolinguística não foi suficiente para dar conta de explicar o comportamento e a alternância das formas *-ra* e *-se* em orações condicionais do espanhol atual. Desse modo, em relação à discussão que apresentaremos brevemente, a seguir, entre Lavandera (1978) e Labov (1978), destacamos uma questão principal: é possível estender a noção de regra variável para além da fonética?

A sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994) parte do princípio de que existe na língua uma heterogeneidade ordenada para sustentar a ideia de que as línguas variam e, eventualmente, mudam. Para esta área da linguística, as línguas variam porque existem formas com o mesmo valor de verdade, referencial e funcional, que competem para expressão de determinados significados na língua e que são condicionados por fatores linguísticos e sociais. De outro modo, dizemos que A e B competem para a expressão de um significado X. Como consequência do processo de variação existente entre as formas na língua, quando duas formas coexistem ou competem para a expressão de um mesmo valor de verdade, ditas formas linguísticas podem ou não deixar de existir, à medida que uma forma inovadora se sobrepõe a uma forma conservadora. De outro modo, dizemos que A, variante inovadora, se sobrepõe a B, variante conservadora, na competição para a expressão de um significado X. Esta dinâmica é o que denominamos de mudança linguística em progresso,

visto que há uma variante que detém a predominância de uso para expressar um significado X. Logicamente, a mudança efetiva ocorre quando uma das variantes cai em desuso e deixa de ser utilizada. Considerando a heterogeneidade ordenada, na língua há regras categóricas, que sempre se aplicam da mesma maneira, e regras variáveis, condicionadas por fatores linguísticos e sociais. Em termos estatísticos, as regras categóricas são aquelas que operam com frequência de 100%; e regra variável, aquela que opera com frequência de 5-95%. O intervalo entre as duas regras é o que, estatisticamente, chamamos de regra semi-categórica, aquela que opera com frequência de 95-99%. À vista disso, entende-se que a alternância entre formas linguísticas para a expressão de um mesmo significado corresponde ao fenômeno de regra variável, ou seja, variação linguística.

Conforme se pode verificar no levantamento apresentado por Pérez Torres (2014), desde o início do século XVI a variação entre as formas *-ra* e *-se* do pretérito imperfeito do subjuntivo espanhol opera através de regras variáveis, ou seja, até os dias atuais verifica-se a coexistência de tais variantes operando sob a frequência de 5-95%. Isto posto, nos engajamos na investigação do processo de alternância entre as variantes *-ra* e *-se* em orações condicionais para a expressão da noção de *irrealidade/contrafactualidade* a fim de identificarmos se no recorte que realizamos encontraríamos algum fator que condicionaria o uso de uma forma ou outra. Desse modo, considerando o princípio de regra variável e de condicionamento linguístico aplicado neste trabalho (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994), não parece haver fatores que condicionam o uso das variantes linguísticas estudadas, ao menos nos dados extraídos de nossa amostra. Desse modo, como explicar este fenômeno, se partimos da ideia de que não existe a aleatoriedade na língua?

Lavandera (1978), tece algumas críticas sobre o modelo sociolinguístico de Labov (1972). Segundo a autora, a análise quantitativa não constitui em si uma análise definitiva do fenômeno linguístico e, entendendo a importância da contribuição deste modelo, aponta que não é adequado estender, no atual estado da pesquisa sociolinguística, a outros níveis de análise de variação a noção de variável sociolinguística, originalmente desenvolvida com base em fenômenos fonológicos. Lavandera argumenta que fora do âmbito fonológico, as variantes têm diferentes *status*, uma vez que não apresentam uma única referência funcional, devendo, portanto, recorrer a outros aspectos para definir a variável dependente. Logo, ao levantar a discussão no âmbito da variação sintática principalmente, Lavandera (1978) defende que “[o]s estudos quantitativos de variação que lidam com a alternância morfológica, sintática e lexical, sofrem da falta de uma teoria articulada de significados”<sup>11</sup>.

Diante das críticas de Lavandera, Labov (1978), em certa medida, admite que haveria problemas analíticos ao considerar a aplicação do modelo sociolinguístico para além do nível

11 Do original, em inglês: “The quantitative studies of variation which deal with morphological, syntactic, and lexical alternation suffer from the lack of an articulated theory of meanings.” (LAVANDERA, 1978, p. 171). Tradução nossa.

fonológico. Dessa maneira, Labov (1978) articula uma estratégia para sustentar o princípio de regra variável e excluir eventuais problemas de análise, na qual aponta que haveria de se estabelecer a variável linguística, aplicando o critério em que se define o valor de verdade a partir do qual é expresso o mesmo estado de coisas. Desse modo, Labov (1978) flexibiliza o conceito de “valor de verdade” e estende a noção para “valor básico referencial”. A partir disso, é preciso delimitar seu contexto de variação e eliminar os contextos em que as variantes apresentam valores diferentes do que se pretende analisar, os contextos em que não há alternância das variantes analisadas e os contextos em que apenas uma das variantes é utilizada. Em outras palavras, os recortes mencionados referem-se à delimitação e recorte do objeto investigado, a variável linguística, e a delimitação do que este objeto expressa, seu valor básico referencial.

Retomando nosso objeto de pesquisa, neste trabalho, o recorte realizado foi a alternância das variantes *-ra* e *-se* do pretérito imperfeito do subjuntivo espanhol em orações condicionais para a expressão da noção de *irrealidade/contrafactualidade*. Eliminamos de nossa análise os contextos em que tais variantes expressam outras noções subjuntivas (desejo, possibilidade, probabilidade) e, tendo em vista os usos etimológicos da variante *-ra*, outros valores indicativos (de condicional, de passado, de passado anterior em um ponto passado). Ainda assim, não foi possível chegar a uma explicação do comportamento de tais variantes em orações condicionais. Apenas confirmamos o que a literatura já nos dizia: a variante *-ra* é a que predomina, de modo geral, para a expressão de noções subjuntivas, neste caso a noção considerada é a de irrealidade.

Ainda que tenhamos seguido todas as etapas e recortes orientados pela sociolinguística, parece-nos que o modelo sociolinguístico não deu conta de explicar a alternância de tais formas, ao menos da maneira como aqui fizemos. Sendo assim, como explicar duas formas que alternam e compartilham da mesma referência semântica? Existe variação livre de condicionamento? Ou, ainda, será que efetivamente expressam o mesmo caráter referencial, como Lavandera nos leva a pensar, a partir de seu questionamento? Que *status* as variantes *-ra* e *-se* desempenhariam na língua espanhola?

Oliveira (2009), a favor dos que defendem que o modelo sociolinguístico pode ser aplicado para além da fonologia, analisa as formas de passado “*dejó*” e “*ha dejado*” da língua espanhola na modalidade escrita e defende que também é possível analisar variantes linguísticas no plano da morfologia. Oliveira (2009) reconhece a possibilidade de se admitir que duas ou mais formas morfossintáticas desempenham uma mesma função, ou seja, apresentam o mesmo significado referencial, seguindo os procedimentos postulados por Labov (1978). Com isso, nos perguntamos, além da referência funcional que desempenham na língua espanhola, qual é a diferença entre analisar a alternância das variantes *-ra* e *-se* e as variantes “*dejó*” e “*ha dejado*”? Tendo em mente que uma está no campo da morfologia e outra da morfossintaxe, quais implicações podem resultar desta diferença? E por que, neste último fenômeno de variação, é possível identificar os contextos em que há o favorecimento de uma ou outra variante, porém na alternância de *-ra* e *-se* não conseguimos encontrar condicionamento?

Em primeiro lugar, acreditamos que o fato de, em nosso trabalho, não termos encontrado resultados que dessem conta de explicar a alternância entre as formas *-ra* e *-se* está relacionado com a própria configuração da variável dependente. Não estamos investigando um fenômeno efetivamente morfossintático; tampouco se aproxima da configuração das variáveis fonológicas. A nossa variável dependente analisada está localizada no nível da morfologia, mais especificamente no nível do morfema, na desinência modo-temporal. Portanto, seria necessário aplicar outros métodos e abordagens de análise, como, por exemplo, testes de percepção, uma vez que a escolha dessas variantes poderia estar influenciada pelo grau de *irrealidade* e pelo grau de formalidade que lhes é atribuído. Talvez a análise de percepção e estilo possa contribuir para o entendimento maior deste processo de variação.

Em segundo lugar, acreditamos que, sob o ponto de vista histórico da sociolinguística, metodologicamente, estaríamos no período que Eckert (2012) vai denominar de primeira “onda”. Segundo Eckert (2012), estudos sociolinguísticos podem ser agrupados em três “ondas” que não se substituem ou se sucedem, trata-se da configuração na qual a variação é considerada. A primeira onda dá início aos trabalhos sociolinguísticos e atua sob a perspectiva da correlação ampla entre as categorias sociais e as categorias linguísticas, buscando por meio disso a caracterização linguística individual dos falantes. A segunda onda atua no âmbito menor das comunidades linguísticas e está caracterizada pelas pesquisas etnográficas, considerando com maior profundidade as categorias sociais. A terceira onda atua através da combinação da primeira e da segunda onda, considerando no lugar da categoria maior (a comunidade de fala), a categoria menor (a comunidade de prática), que diz respeito às relações de um dado grupo de falantes que se unem em torno de um mesmo objetivo e compartilham das mesmas referências linguísticas e sociais. Considerando as três ondas, acreditamos que, de fato, uma abordagem que se oriente do micro para o macro social, como a terceira onda da sociolinguística, possa contribuir para o entendimento deste fenômeno. O *status* social e linguístico que as variantes detêm é o fator que deve ser considerado com primazia.

Por fim, embora as possibilidades alternativas não sejam excludentes, estamos mais inclinados para a primeira possibilidade. De fato, acreditamos que estudos que considerem a perspectiva individual do falante possam contribuir para o entendimento deste processo de variação. Por outro lado, é possível que, para entender esta alternância, é necessário repensar o objeto de estudo, a configuração da variável dependente, bem como o método de análise. Ainda, haveríamos que considerar uma última possibilidade. É possível que estejamos diante do fim de uma mudança linguística em progresso, considerando os últimos quatro séculos de coexistência dessas duas variantes. Desse modo, a coexistência dessas duas formas nos leva a duas situações: a primeira é o uso especializado de tais variantes, como ocorreu com a variante *-ra* em seus atuais usos etimológicos que competem com as formas canônicas de passado; a segunda situação é o desaparecimento de uma dessas variantes. De fato, há a predominância da variante *-ra*, em detrimento da variante *-se*. Porém, como explicar o uso de *-se* e não de *-ra* dentro de um mesmo recorte?



## Considerações finais

Após uma análise estatística, não foi possível verificar, no *corpus* analisado, nenhum fator que condicionaria a alternância entre as formas *-ra* e *-se* para a expressão de noções subjuntivas, especificamente a noção de *não-realidade* presente nas cláusulas condicionais. Visto de outra forma, neste trabalho, a ausência de resultados significativos é também um resultado interessante e nos faz repensar a trajetória de pesquisa. Não descartamos que é possível que os resultados obtidos estejam respondendo às decisões por nós tomadas e sejam correlacionados a diversos aspectos, entre eles: o modo como constituímos nosso *corpus*; a delimitação do contexto de variação: talvez devêssemos conjugar outros contextos além das estruturas condicionais; a configuração da variável dependente; a configuração das variáveis independentes; o fato de termos realizado uma pesquisa comprobatória e não exploratória etc. São necessárias, assim, novas articulações teóricas e metodológicas para que possamos compreender melhor e com mais clareza o comportamento dessas variantes na língua espanhola. Talvez, a própria configuração da noção de variável linguística e do valor referencial/funcional adotado neste trabalho deveria ter sido especificada para a aplicação em um nível menor de análise, o da morfologia.

Com a realização deste trabalho sobre a variação na realização do pretérito imperfeito do subjuntivo em orações condicionais no espanhol para a expressão da noção de irrealidade, esperamos ter contribuído para a reflexão sobre o fenômeno na língua espanhola e, também, para a necessidade do desenvolvimento de novas investigações, que contem com metodologias mais refinadas que possam trazer novas luzes ao debate. Por fim, tendo exposto os resultados desta pesquisa juntamente com outros trabalhos que se empenharam em explicar o processo de variação entre as formas *-ra* e *-se*, não encontramos em nossos dados nenhum indicador que explique claramente o que subjaz o funcionamento deste fenômeno variável. Logo, após todo o trajeto percorrido, a questão primária que nos levou a caminhar até este momento permanece em evidência: como entender a variação entre duas desinências modo-temporais que alternam na realização do pretérito imperfeito do subjuntivo espanhol?

## REFERÊNCIAS

AGUILAR, R. C. *Sobre la historia del subjuntivo español*. Separata de Actas de la Sociedad Española de Lingüística XX aniversario. Tenerife, 2-6 de abril de 1990.

ALARCOS LLORACH, E. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999.

ARROYO, J. L. B. *Sociolingüística de español: desarrollos y perspectivas en el estudio de la lengua española en contexto social*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2005.

BOSQUE, I.; DEMONTE, V.. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, 1999.

ECKERT, P. *Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation*. Annual Review of Anthropology, Palo Alto, n.41, 2012, p. 87-100. Disponível em: < <https://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev-anthro-092611-145828> >. Acesso em: 16 de março de 2021

GILI Y GAYA, S. *Curso superior de sintaxis española*. Barcelona: SPES, 1961.

GREENBERG, J. H. *Universals of language*. Cambridge: Mit Press, 1963.

GUY, G. R.; ZILLES, A.. *Sociolinguística quantitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

KEMPAS, I. *Sobre la variación en el marco de la libre elección entre cantara y cantase en el español peninsular*. Moenia, 17, 2011, 243-264. Disponível em: < <https://minerva.usc.es/xmlui/handle/10347/7332> >. Acesso em: 16 de março de 2021.

LABOV, W. 1972. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania.

LABOV, W. *Principles of linguistics change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera*. Sociolinguistic Working Paper, n° 44. Austin: Southwest Educational Development Laboratory, 1978.

LAVANDERA, B. *Where does the sociolinguistic variable stop?* Paper presented at Linguistic Society of America Meeting. Chicago, 1977. Disponível em: < <https://doi.org/10.1017/S0047404500005510> >. Acesso em: 16 de março de 2021.

MONTOLÍO, E. Las construcciones condicionales. In.: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (orgs.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, 1999, p. 3643-3737.

OLIVEIRA, Leandra Cristina de. *A noção de regra variável na morfossintaxe: um estudo das formas verbais espanholas “dejó” e “ha dejado”*. In: Working paper em linguística, vol. 10 (2). Florianópolis: UFSC, 2009, p. 21-33. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2009v10n2p21> >. Acesso em: 16 de março de 2021.

PENNY, R. *A history of Spanish language*. Cambridge, Cambridge University Press, 1991.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1973.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Libros, 2010.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1931.

ROJO, G. *Me pidieron que reseñara/reseñase el libro que Bosque publicara/publicase en 1980*. Universidad de Santiago de Compostela, 2011.

ROJO, G. *Sobre la distribución de las formas llegara y llegase en español actual*. Ediciones Universidad da Coruña, 1996.

ROJO, G.; ROZAS, V. V. Sobre las formas en -ra en el español de Galicia. In: ENRIQUE-ARIAS, A.; GUTIÉRREZ, M. J.; LANDA, A.; OCAMPO, F. *Perspectives in the Study of Spanish Language Variation: Papers in Honor of Carmen Silva-Corvalán*. Universidad de Santiago de Compostela, 2014. Disponível em: < [https://www.academia.edu/download/47708332/Perspectives\\_in\\_the\\_Study\\_of\\_Spanish\\_Language\\_Variation.pdf](https://www.academia.edu/download/47708332/Perspectives_in_the_Study_of_Spanish_Language_Variation.pdf) >. Acesso em: 16 de março de 2021

ROJO, G.; VEIGA, A. El tiempo verbal: los tiempos simples. In.: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (orgs.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, 1999, p. 2867-2934.

SANKOFF, D., TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. S. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005. Disponível em: < <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html> >. Acesso em: 16 de março de 2021.

STERCK, G. *Gramática española: enseñanza e investigación: registros y áreas geográficas en lingüística: valores y usos de las formas verbales en -ra, -se, -ría y -re*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2000.

TAGLIAMONTE, S. A. *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. Disponível em: < <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html> >. Acesso em: 16 de março de 2021

PÉREZ TORRES, R. *Aproximación a la distribución diacrónica de las formas de pretérito imperfecto de subjuntivo (-ra y -se) en el español de España*. Facultad de Filología de la Universidad de Santiago de Compostela, 2014. Disponível em: < <https://minerva.usc.es/xmlui/handle/10347/13081> >. Acesso em: 16 de março de 2021

TRAVASSOS, D. B. de J. *A variação na realização do pretérito imperfeito do subjuntivo em orações condicionais*. Dissertação de Mestrado em Letras Neolatinas (Língua espanhola). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: < <http://posneolatinas.letras.ufrj.br/index.php/dissertacao-2020-david-batista-de-jesus-travassos/> >. Acesso em: 16 de março de 2021

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial 2006 (1968).